

EUDAIMONIA COMO O TEMPO DA JUSTIÇA NO *TIMEU* DE PLATÃO

FABÍOLA MENEZES DE ARAÚJO*

RESUMO No livro X da *República*, é questionado se há uma obra de arte necessária à cidade ideal, *Kallipolis*. Para poder permanecer nesta *polis*, a arte deveria ser útil (*ophelin*). Supomos a rapsódia de Sólon (§21a) como a arte por meio da qual Crítias, no *Timeu*, narra a história de Atlântida e de Atenas como uma arte útil. Mas qual o teor desta rapsódia? Qual a repercussão no *Timeu* da poesia de Sólon? O *Timeu* traz a poesia de Sólon como capaz de revelar a imortalidade do Demiurgo e também como este Deus, capaz de situar a origem do cosmos no tempo-céu (Uranos) é diferente de Poseidon, Deus de Atlantis. Em ambos os deuses, o tempo é cíclico (*aion*), a exemplo de nos festivais em homenagem aos deuses (como as Apatúrias e as Panatenéias), tanto no Antigo Egito quanto em Atenas, pois nestes festivais, o retorno é causado pelo próprio tempo. Enquanto em Atlântida o princípio condutor é trazido por Poseidon, e o seu norte é a ostentação, na cidade de Atenas este princípio é trazido por Atenas, Deusa símia à egípcia *Neith* (§21e) cuja justiça é tida como eterna, sendo a riqueza mais relevante a virtude. Esta justiça (§17d; §41c; §112e; divina - §85b; §109b) seria ainda passível de ser encontrada no exercício da Alma do Cosmos de servir de repouso ao pensamento (*nous*). A diferença entre esta Alma e a rapsódia de Sólon chegará a ser caracterizada como de natureza mimética. Seria preciso ascender ao movimento da Alma para se sintonizar nela. Por meio desta sintonia que se daria a sobreposição entre Alma (*psiquê*), tempo (*aion*) e justiça (*dike*). Por esta sobreposição não ter tido lugar em Atlantis, que esta cidade teria vindo a sucumbir, sofrendo punição divina, já em Atenas esta mesma sobreposição viria a ser capaz de revelar o lugar da *Eudaimonia* (§121b-c) como da Alma do Cosmo por referência às formas (*eidōs*) perfeitas desta Alma.

PALAVRAS-CHAVE *Timeu*, tempo, *Eudaimonia*, justiça.

A civilização grega do tempo clássico é uma civilização de homens. Quanto às mulheres, Pérides, em seu discurso fúnebre, diz tudo com as palavras: O melhor delas é quando entre homens se fala delas o menos possível. - A relação erótica dos homens com os jovens era, em um grau inacessível ao nosso entendimento, o pressuposto necessário, único, de toda educação viril (mais ou menos como, por muito tempo, toda educação superior das mulheres, entre nós, só era trazida através do noivado e casamento); todo idealismo da força da natureza grega investia-se nessa relação, e provavelmente os jovens nunca mais foram tratados tão amorosamente, tão inteiramente em vista de seu melhor (*virtus*), como no sexto e no quinto século - portanto, conforme a bela sentença de Hölderlin: 'Pois amando o mortal dá o melhor'.

* Pós-Doutora em Comunicação - UFRJ

(Friedrich Nietzsche, *Humano, demasiado humano*, §259)

Introdução

Consideraremos abaixo passagens enigmáticas do *Timeu* onde se considera o passado relatado pela rapsódia de Sólon, que tem origem na conversa entre o legislador-poeta e os sacerdotes egípcios – esta mesmo que teria tido ocasião várias gerações antes da geração em que o *Timeu* tem lugar. *Em que medida e por que razões a poesia de Sólon vem a ser enaltecida como capaz de promover felicidade?*

Segundo o diálogo, em meio às catástrofes naturais, nós, “atenienses”, perdemos o poder de ouvir às musas. Tornados analfabetos, como crianças, não conseguimos mais saber de nossas origens e de nosso passado. Aqui não encontramos o desejo de expulsar os poetas, uma vez que Sólon – a personagem que nos permitirá dar asas à imaginação pela história que contrapõe Atlântida e Atenas – é trazido como um rapsodo, um poeta que canta na ágora, a praça da Antiga Grécia,. A partir disso, poderíamos pensar que a famosa expulsão tenha se dado mais como uma estratégica retórica ou dialética do que uma intenção de se ver livre dos poetas da Hélade. Não terá sido a fim de tornar evidente o caráter imprescindível da obra de arte que Sócrates terá sugerido essa possibilidade? Sob esta ótica, é possível pensar que o filósofo nunca tenha duvidado, de fato, da potência educativa das artes, e disto mesmo teria derivado sua reflexão, na *República*, sobre a necessidade de se eliminar a poesia enquanto técnica ou sabedoria perigosa para a *polis*.¹

Para que as almas dos cidadãos não ficassem danificadas, seria necessário muito rigor e, portanto, o cuidado talvez excessivo que o filósofo devota ao exercício de distinção das artes seria uma forma de tornar evidente a verdade como modo de nos antecipar à inelutável justiça divina. Agir eticamente consistiria em, por meio de uma divina graça, ser capaz de atestar a verdade, a exemplo da graça da sabedoria sobre a reencarnação das almas, conforme revelado pelo Mito de Er. A possibilidade da reencarnação seria mais uma das muitas formas de expressão da *dynamis* da Alma do Cosmos.

Primeiramente, o *Timeu* remonta a origem da cidade de Atenas nove milênios antes da narrativa que teria sido transmitida a Crítias, o avô da personagem homônima, por Sólon, a respeito de sua ida ao Egito. Referindo a este tempo como marcado pela força e pela potência de resistência

¹ PLATÃO, *República*, 607b.

dos gregos, Sólon afirma que todas as batalhas que os Atenenses atravessaram neste período de nove milênios foram ganhas. Depreende-se da história contada que os atenienses seriam vitoriosos de nascença, tendo apenas que cuidar para que esta história de vitórias continue a se repetir.

Através de sua rapsódia, pois, Sólon nos daria a ver como podemos descobrir a divina ascendência dos atenienses: "Nós, atenienses, ganhamos naquela época a guerra contra os Atlantes" – e, se isto aconteceu outrora, é porque pode acontecer sempre. Concluindo como uma espécie de mito de origem e de fundação da cidade Atenas, ao final, Sólon enunciara o porquê da vitória: "Porque tínhamos, do nosso lado, a deusa Atena".

1) Sólon por Platão no *Timeu*

Logo no começo do *Timeu*, relata Crítias:

Para as crianças estava reservado o que também nessa altura era costume por ocasião de cada uma dessas festas: os nossos pais organizavam-nos concursos de recitação. Foram declamados muitos poemas de muitos poetas, mas, como naquele tempo os de **Sólon** constituíam ainda novidade, muitos de nós, crianças, cantámo-los.²

O pretexto desta fala da personagem é apresentar a rapsódia de Sólon (ῥαψοδία), em função da qual o argumento fundamental desta obra será tecido. Uma vez que as crianças cantavam a rapsódia de Sólon na festa em homenagem à deusa Atena, o avô de Crítias decidiu contar a origem deste discurso: a viagem que Sólon teria feito ao Egito, onde teria sido recepcionado por sacerdotes na cidade de Sais. Citamos abaixo o começo da fala de um destes sacerdotes, segundo Sólon teria relatado ao Crítias-avô:

'Ó Sólon, Sólon, vós, Gregos, sois todos umas crianças; não há um grego que seja velho'. Ouvindo tais palavras, **Sólon** indagou: "O que queres dizer com isso?" 'Quanto à alma, sois todos novos' – disse ele. É que nela (na alma) não tendes nenhuma crença antiga transmitida pela tradição nem nenhum saber encanecido pelo tempo. A causa exacta é a seguinte: muitas foram as destruições que a humanidade sofreu e muitas mais haverá; as maiores pelo fogo e pela água, mas também outras menores por outras causas incontáveis.³

² PLATÃO, *Timeu*, 21b.

³ PLATÃO, *Timeu*, 22b.

Tendo travado contato com os sacerdotes egípcios⁴, Sólon pôde aprender a própria história⁵ do povo ateniense, qual seja: há nove mil anos este povo teria nascido e sido educado pela deusa Atena. Quando os atenienses venceram a guerra contra os Atlantes, até o povo do Egito, que também havia sido subjugado pelos Atlantes, teria ficado agradecido. Deste modo, o povo libertador havia para sempre ficado na memória do povo libertado, como atestado nos seus livros sagrados, e conforme chegou a ser revelado a Sólon – e, então, recontado por este em sua rapsódia. Eis o restante da fala de um dos sacerdotes:

Em relação ao que se passa entre vós e entre outros, mal acaba de se ordenar o sistema de escrita e todo o resto que faz falta a uma cidade, recai novamente sobre vós, durante o habitual número de anos, uma torrente vinda do céu, semelhante a uma doença, e apenas deixa entre vós os analfabetos e os que são estranhos às Musas; de tal forma que nasceis de novo, do princípio, tal como crianças, sem saber nada do que aconteceu em tempos remotos.⁶

A crítica é salutar. E bem-vinda em tempos de cólera. O sacerdote critica não os gregos mas o mal tempo e as catástrofes naturais sob as quais os atenienses se esqueciam do alfabeto e até das Musas responsáveis por educar e lembrar as canções aos aedos. Sem canções, os gregos como que nasciam de novo "do princípio, como crianças, sem saber nada do que aconteceu em tempos remotos."

2) Sólon por ele mesmo

Platão terminará por concluir ser Sólon o melhor rapsodo da Grécia Antiga, o mais livre ou independente (*eleutheriôtaton*, 21d). Reflitamos: o que significa liberdade, e por que Sólon é assim designado? O que diz o *Timeu* sobre liberdade que nos possa ajudar a apreender o significado desta palavra no seu contexto? Para Plutarco, Sólon teria sido tanto o poeta quanto o estrategista, e ainda o legislador que, vivendo entre os séculos VII e VI a.C., revolucionou o modo como os ricos se relacionavam com os pobres. Pouco mais é possível saber sobre esta personagem que teria legado a Platão não apenas a sua posição de líder mas o sonho de legislar para todos. Contemporâneo de Tales de Mileto, só sabemos de suas leis graças aos poucos versos dele que foram legados para a posteridade. Já se estas teriam sido escritas sobre estelas (pedras), ou

⁴ Uma forma de apresentar o Outro, noção que será trabalhada a partir de *Timeu*, 43d.

⁵ Neste caso, na figura do Mesmo, que será trabalhada junto à figura do Outro.

⁶ PLATÃO, *Timeu*, 23a-b.

“apenas” cantadas, não é possível ter-se certeza ainda.

Duas das Leis instituídas por Sólon merecem destaque. A primeira, ter dado liberdade aos pobres, dos quais grande parte vivia endividada e mesmo dado o corpo em fiança, de modo que viravam escravos. E a segunda, ter legalizado a prostituição. Diriam os cristãos: que Lei estranha esta última, por que afinal isto seria um ato político importante? Em uma sociedade extremamente patriarcal como a grega, esta Lei seria estranha apenas para os que não quereriam saber das agruras pelas quais passavam certamente aquelas cuja profissão que, quando proibida – apesar de bastante antiga –, deveriam ter encontrado apenas o pior pela frente. Sob o regime patriarcal instituído pelos dórios já durante a civilização micênica, as mulheres tinham o futuro delimitado a poucos destinos: o sacerdócio (vocação descoberta já na infância); se casar e virar *hetaira* (companheira de marido, intitulado *hetairo*); ser artista, a exemplo das flautistas (passíveis de serem confundidas com prostitutas); *pornoí* (prostitutas); e escravas.⁷ Um milagre, virar professora.

De todo modo, Sólon liberou escravos e prostitutas das admoestações dos ricos. Mas *por que e como* ele teria feito isto? Ninguém melhor do que o mesmo para o dizer:

Muitos homens vis são ricos, muitos nobres, pobres:
mas *nós não* pegaremos a riqueza daqueles
a troco da virtude; porque esta, sim, é sempre firme,
já as posses humanas são ora de um, ora de outro⁸.

"Não pegaremos a riqueza daqueles" – o protagonista desta sentença é sem dúvida um aristocrata que decide seguir, digamos, o caminho do Bem: não pegar a riqueza de quem já tem pouco e, às vezes, só a virtude. Por isso, ele decide convocar os demais a não mais cometer usura, e dar liberdade aos que não abriam mão da palavra. Deste modo, sob o governo de Sólon, terminam livres os que tinham sido outrora escravizados. Segundo Plutarco: “É evidente, por estes versos, que ele próprio se colocava mais entre os pobres do que entre os ricos (*Vida de Sólon*, 3.2., 2013)”. Por que preterir o convívio com os ricos em proveito do convívio com os pobres? A resposta é tácita: porque apenas na virtude há firmeza, e os pobres têm nobreza.

Talvez a dificuldade de apreendermos a importância destas palavras resida na nossa incapacidade de compreender o que significa “*nomos*”, a “lei divina” para um grego. Esta lei, além

⁷ CALAME, 2013, pp. 103-126.

⁸ SÓLON, 2013, fr. 15 W.

de impregnada de admoestações dos deuses, estaria relacionada ao poder da canção de dizer os anseios de um povo. Por exemplo:

Alicerces veneráveis da justiça,
 que, em silêncio, conhece o presente e o passado,
 (...) manda-me o coração (θυμος) que ensine aos Atenienses:
 (...) abrandando (...)
 essa cólera da terrível discórdia, que, sob o seu influxo,
 todos os atos humanos são sensatos e prudentes.⁹

"Atenienses" é o povo que deve ser ensinado, mas não é a eles que se dirige a canção, e sim às deusas, "alicerces veneráveis da justiça". Abrandando a cólera da discórdia será tarefa do influxo divino propagado por estas Deusas. Sólon chega a conversar com estes "alicerces da justiça", porque seu coração o manda ensinar ao povo que, sob o influxo delas, "todos os atos humanos são sensatos e prudentes." Ele sabe, *a priori*, que as Deusas, "em silêncio, conhecem o presente e o passado". Podemos ascender ao que está em jogo neste apelo, para que as Deusas promovam o influxo? Sabemos que as deusas se aproximariam dos Atenienses, sobretudo por ocasião dos rituais e dos festejos, através das sacerdotisas e do Areópago, entidades capazes de atrair o influxo divino. É deste lugar que Sólon canta: ele se situa entre Deusas e mortais a fim de direcionar às primeiras o desejo de fazer com que os segundos ajam com prudência. Esta intenção talvez nos torne mais acessível a questão em jogo nos versos citados: trazer à *polis* grega Deusas capazes de influxos, ou seja, bênçãos que se tornariam a virtude para o povo capaz de servi-las – não uma abstração, mas uma forma necessária de vir a ser. Em outras palavras: transformar a terrível discórdia que vigia em Atenas através de um governo com base no *nomos* e em virtude. Tal será a tarefa de Sólon, que, capaz de trazer o influxo divino, seria um ouvinte das deusas capazes de tornar os gregos sensatos e prudentes. Contudo, para compreender isto será necessário retomarmos o questionamento acerca do que vem a ser lei divina para os gregos.

O que poderia significar o ato de proferir versos capazes de trazer à *polis* bênçãos que apaziguariam os anseios dos mortais neles citados? A forma de realização do *nomos*, a Lei divina

⁹ SÓLON, s/d, fr. 4 W.

enquanto canção, por se dirigir às entidades divinas que cuidam da *polis*, se aproxima mais do que compreendemos por oração do que de uma lei instituída. Por um lado, ela é cantada para que as Deusas pudessem realizar o desejo do rapsodo, o poeta cantor; por outro lado, como este desejo dá voz, na verdade, ao cuidado que o poeta quer manter sobre a *polis*, ela também dá vazão aos anseios do povo. Trata-se, em suma, de um desejo de cuidar daqueles que o poeta ama, os pobres que se mantêm firmes na nobreza.

O que quer dizer que elas, as deusas "conhecem passado e futuro" senão que elas guardam o segredo da *onisciência*? Não teremos oportunidade de trabalhar como seria preciso a noção de onisciência no curto espaço deste artigo, cabe apenas enfatizar que se trata de antever que aqueles que conhecem passado e futuro só podem ser oniscientes.

Além disto, é possível enfatizar que Sólon se direciona às deusas através de canções, ou seja, versos cantados *em performance*, à semelhança do modo como Homero inicia seus versos: "Cantai, ó musas". Parece-nos que ele, ao se dirigir às imortais, também se permite habitar em um plano muito superior ao dos mortais. Por isso, talvez seja mesmo impróprio dizer que a arte de Sólon se trate de retórica. Seus versos não são um mero instrumento para convencer os mortais, mas um apelo que se dirige às Deusas. Vejamos outro exemplo:

Belas Filhas de Mnemósine e de Zeus Olímpico,
Musas Pérides, escutai a minha prece.
Concedei-me da parte dos deuses bem-aventurados a felicidade
e, perante os homens, ter boa fama
(...) (pois) o castigo de Zeus (...)
vem com o tempo (...)¹⁰

Aqui, o protagonismo continua sendo das deusas, apesar da punição vir de um deus. São elas as responsáveis pela memória a quem Sólon se dirige, pedindo a felicidade "da parte dos deuses" e "ter boa fama".

Talvez a dificuldade de atingirmos a importância da noção de fama em jogo na poesia de Sólon resida na nossa incapacidade de antever o que significa "*fama*" em solo grego. A seguinte estrofe pode vir em nosso apoio:

¹⁰ SÓLON, s/d., fr. 13 W

Fosse eu, então, cidadão de Folegrando ou de Sicina,
e não um ateniense, a pátria mudando;

.....

logo este rumor correria entre os homens:

"Este é um homem da Ática, um dos desertores de Salamina".

.....

Vamos a Salamina, combater pela ilha encantadora,
afastando essa vergonha difícil de suportar.¹¹

O significado de “fama” deverá, aqui, ser depreendido pelo seu oposto: a vergonha difícil de suportar. Para conseguir reunir os Atenienses, Sólon apelava não para o orgulho – por exemplo, de pertencer à nação ática – mas à vergonha de não ter servido ao propósito maior de defender pátria. A fama não advém de uma situação pessoal, mas da realização do destino, que, por sua vez, envolveria a pátria como um todo. Neste sentido, fazer parte do “combate pela ilha encantadora” reverberaria nos corações de todos, mortais e imortais, mas não por se visar à fama particular como é tão comum em nossos dias, e sim para se evitar a vergonha. É assim que se poderia realizar, em um outro patamar, a nobreza dos combatentes e a verdade deste povo. A firmeza dos pobres comentada anteriormente reside nestes gestos em prol da nação. Nos versos citados, o uso de uma figura de linguagem pode causar um efeito cômico: através de uma hipérbole, vê-se a possibilidade de o poeta vir a mudar de pátria, não sendo mais um ateniense. Assim ele correria o risco de ser reconhecido como o “de Salamina desertor.”

Tudo o que dissemos Schweizer resume em uma frase: “O *Nomos* era associado com a lei divina e a canção.”¹². Mas o que significa dizer que o *nomos* está relacionado à música na Grécia antiga? Segundo o mesmo estudioso:

Primeiro, (é claro que) há poucas evidências do período arcaico que explicam a conexão entre *nomos* e música. Não há referência a nenhum *nomoi* musical; no entanto, Alcman escreve que conhece todas as músicas (*nomos*) dos pássaros. Nesse contexto, Alcman sugere que cada pássaro tenha uma maneira habitual de cantar: um canto que o diferencia dos cantos de outros pássaros. Usar *nomos* para se referir ao canto dos pássaros se deu (também) na Helena de Eurípides, onde o coro se refere à ninfa da floresta proferindo o *nomos* do voo (Eurípides,

¹¹ SÓLON, 1999, *Salamina*.

¹² SCHWEIZER, 2019, p. 3.

Hel, 190). E nos Pássaros, quando Aristófanes se refere à capacidade de voar como uma "lei das aves" (Aristófanes, Av, 1342). Assim, há evidências de que o *nomos* foi consistentemente usado para se referir aos hábitos dos pássaros: no canto ou no voo. Por que o *nomos* seria associado à música? Aristóteles relata que antes da escrita se desenvolver, as pessoas cantavam suas leis para evitar esquecê-las e a tradição de fixar música às leis continuava até sua época (Ps.-Aristotle, 919b; 38-920a4).¹³

Qual relação é passível de ser estabelecida entre o *nomos* e os pássaros? Na Grécia arcaica, era aconselhável àqueles que quisessem saber seu destino ver o voo e ouvir o som dos pássaros. Tanto em Homero quanto em Ésquilo encontramos esta colocação. Como um imperativo para quem queira alcançar vitórias¹⁴, tal prática, em pleno vigor no período de atividade política de Sólon, talvez possa nos fornecer uma via de acesso para a atmosfera em que vivia o estadista que decidiu legislar também para os pobres, e que deixou como um de seus principais legados a certeza de ter realizado proezas tão somente em função de saber cantar para as Musas, e de poder ser ouvido por elas.

Uma conclusão que pode até parecer estapafúrdia para quem não tenha o hábito de conviver com pássaros é: que eram eles os verdadeiros mestres da Grécia Arcaica. Aqui pudemos dar vazão ao desejo de que eles voltem a ser os verdadeiros guardiões da *polis*. Ascender a este conhecimento, da possibilidade de refundarmos a *República* dos pássaros, exigiria de nós conseguirmos nos afinar com algumas sabedorias de caráter indígena, semelhantes, em sabedoria, à Lei divina a que Sólon procurar dar voz em seus poemas. Foi quando submetidos à liderança dos pássaros que os gregos ganharam as maiores batalhas, é uma questão de tempo voltarmos a ouvi-los. Ao menos de acordo com a premissa do *Timeu*, segundo o qual nós nos tornaríamos analfabetos, sem Musa, nos momentos de catástrofes naturais, mas depois recobraríamos as sabedorias perdidas. Deixar legada esta possibilidade é a intenção última deste artigo, talvez para que quem um dia ouse legislar com base neste aprendizado possa saber que a principal chave da sabedoria Arcaica está nisto: a prática de ouvir os pássaros como capazes de prever o futuro, na mesma medida que as oniscientes deusas para quem Sólon dedicou seus poemas. Podemos ser levados a concluir ser esta também a chave da orientação do porquê do poeta, que se decide pelos “nobres pobres”, ter de antemão o conhecimento de que apenas o influxo das deusas, aliado à

¹³ Ibid., p. 15.

¹⁴ Tanto Agamêmnon precisa se certificar do vôo da águia antes das embarcações saírem rumo à Tróia, na *Iliada*; quanto a mãe de Dario é levada a se lamentar por não ter assistido, no voo de uma águia, o mau augúrio que seria a perda da guerra por seu povo, em *Os Persas*.

sabedoria por estas realizável, poderá levá-lo a ter clareza do que seja fazer política.

3) Sólon no Pensamento de Platão

Em um primeiro momento deste artigo, vimos como Sólon aparece no *Timeu*, hóspede dos sacerdotes do Antigo Egito, gratos pelo ato de libertação que o povo ateniense, há nove milênios, teria realizado. Libertação do quê? Da submissão que todos os povos do Mar Egeu teriam sofrido nas mãos dos Atlantes. Sob o comando de Atena, filha da sabedoria, mãe da diversidade, os atenienses venceram na luta contra a injustiça. E é possível que possam vencer sempre.

Disto, depreende-se que a *eudaimonia*, a felicidade, seria estar do lado dos atenienses. Mas o que significa “estar do lado dos atenienses”? Para tanto, foi preciso investigar, em um segundo momento, os versos de Sólon, e como este poeta teria lidado com o estatuto de ser ateniense. Vimos que, para ele, ser ateniense, dentre outras coisas, significou poder decidir ficar do lado dos pobres. E ele assim decidiu por saber ser melhor ficar com a nobreza dos pobres do que com a abundância dos ricos. O rapsodo que parece ter causado tanto orgulho em Platão tem claro para si que esta firmeza – que apenas a nobreza é capaz de dar – não vem de posses, mas da virtude. Ficamos nos perguntando como Sólon teria tido acesso a esta sabedoria. E não nos surpreendemos quando o mesmo afirma que foi por meio do *nomos*, a lei divina, que são as Deusas, alicerces veneráveis da justiça, conhecedoras de passado, presente e futuro, e que teriam tornado possível este saber. Mas não bastaria ele ter esta sabedoria, se não conseguisse se fazer ouvir pelo povo. Por isto que ele pede às Musas que façam com que ele consiga ensinar aos atenienses a sabedoria que o capacita a solicitar o influxo divino e ser atendido. A partir deste influxo, os gregos tornar-se-iam sensatos e prudentes. Finalmente, vimos Sólon solicitar às Musas Pérides atenção, por ele saber que é da parte dos Deuses bem-aventurados que virá a felicidade – mas isto só no caso de ele conseguir, perante os homens, ter boa fama. Surgiu, então, como questão, o que significaria este “ter boa fama.” Vimos que Sólon nos fez ver esta qualidade de existência pelo lado inverso: pela *aidôs*, vergonha difícil de suportar. A importância da fama pôde aí ganhar relevo: o poeta cantava às Filhas de Mnemósine para que estas o concedessem a felicidade de ter boa fama. Evitaria ele, assim, uma vez mais, o castigo de Zeus que vem com o tempo. Em suma: o guerreiro poeta não tem escolha a não ser seguir os caminhos indicados pelas Musas que, abençoando-os com o seu influxo, tornariam os atenienses sensatos e prudentes.

Convém marcarmos a distância que separa o poeta do filósofo. Enquanto no âmbito dos Σόλωνος ποιητῶν ποιήματα (os poemas de Sólon) há a decisão de ficar do lado dos pobres, na obra de Platão há a decisão pela aristocracia. Esta aristocracia, cujos integrantes podem ser rastreados no *Timeu* como tendo optado por Atena, deusa da sabedoria, e poderiam chegar a perder o apreço das Musas, uma vez analfabetos por ocasião das “catástrofes naturais”. Depois desta temporada em que viveriam “como crianças”, poderiam voltar a ser acolhidos pelas deusas, como tanto buscou fazer Sólon em suas canções que se realizavam em formato de *nomoi*, ou ainda como orações, posto que destinadas às deusas.

Para além dos exageros e do caráter ficcional da narrativa, Sólon no *Timeu* é referido como quem teria permitido aos gregos viver um período de democracia, sobretudo por ter dado liberdade aos pobres. A Aristocracia que, antes de Sólon, não permitia a libertação dos escravos subjugados por dívidas, foi contida em sua ganância graças às imprecações que Sólon descobre como inelutáveis. Mas Sólon acredita na infalibilidade de Atena, e consegue convencer os mais ricos que eles nada perderiam em libertar os pobres. Para que os aristocratas chegassem a compreender isto, Sólon fez muito: 1) **clamou** — "Sobre ela (a cidade) estende os braços, magnânima e vigilante, Palas Atenas, filha de um pai ilustre"; 2) **condenou** — "os chefe do povo de espírito injusto (*adike*), a quem está destinado sofrer muitas dores pela sua grande insolência (*hýbris*); e 3) **maldisse** os que viviam a esbanjar riquezas — "Pois não sabem refrear os seus excessos, nem pôr ordem nos bens presentes na paz do banquete."¹⁵

Conclusão

Vimos neste artigo o que teria ficado de essencial do legado de Sólon e que Platão procurou nos deixar no *Timeu*. Cabe pontuar que foi preciso a sabedoria de um sociólogo, Schweizer (2019), para a deciframos o mistério do porquê a legislação de Sólon foi capaz de catapultar a política da Grécia arcaica para o advento da Magna Grécia enquanto um império governado pela democracia. A nossa conclusão que, em um primeiro momento, pode soar absurda — foi de que Sólon teria sido, além de agraciado pelo influxo de Deusas, capaz de ouvir os pássaros no momento certo. Aliás: ao menos enquanto não tivermos a sabedoria de antever como as Musas trazem seus influxos até a cidade, seria recomendável tomarmos como guia a presença dos pássaros — isto se quisermos antever a melhor conduta para atingirmos a *eudaimonia*. Se nos voltarmos para

¹⁵ SÓLON, *Eunomia*, fr. 4 W.

as canções de Sólon, pode ficar mais claro por que o *nomos* é cantada: tratar-se-ia, mais do que de uma forma de gravá-las na memória, uma forma de oração destinada, como o canto e o voo dos pássaros, às divindades oniscientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALAME, Claude. *Eros na Grécia Antiga*. Tradução de Isa Etel Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. e-book

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PLUTARCO. *Vida de Sólon*, 3.2. Tradução: Rafael Brunhara. Disponível em: <<https://primeiros-escritos.blogspot.com/2013/07/solon-fragmento-16-w.html>>. Acesso em 29/09/2019.

SCHWEIZER, Steven L. Nomos, Music, and the Athenian Democracy. Newberry College Newberry, South Carolina . Disponível em: <https://www.academia.edu/9981086/Nomos_Music_and_the_Athenian_Democracy>. Acesso em : 30/09/2019.

SÓLON. *Fragmento 4*, Eunomia. West. Tradutor desconhecido. Texto disponibilizado pelo prof. Pedro Martins da UFRJ.

———. *Fragmento. 13*, West. Tradutor desconhecido. Texto disponibilizado pelo prof. Pedro Martins da UFRJ.

———. *Fragmento 15 W*. Tradução de Rafael Brunhara. Disponível em: <<https://primeiros-escritos.blogspot.com/2013/07/solon-fragmento-16-w.html>>. Acesso em 29/09/2019.

———. *Fragmento 29*, West. Tradutor desconhecido. Texto disponibilizado pelo prof. Pedro Martins da UFRJ.

———. *Salamina*. Tradução de Gilda N.M. de Barros. In: *Sólon de Atenas: a cidadania antiga*. São Paulo: Humanitas, 1999.